



## A COLONIALIDADE DO PODER EM “O TROVÃO ENTRE AS FOLHAS”, DE AUGUSTO ROA BASTOS.

Franciele Caroline Marquior (francmarquior@outlook.com)

Leoné Astride Barzotto (leoneastridebarzotto@gmail.com)

Augusto Roa Bastos apresentou em suas obras a exploração estrangeira do solo e do povo paraguaios. Nascido em Assunção em 1917, com 15 anos participou como enfermeiro da “Guerra do Chaco” (1932-1935) entre Bolívia e Paraguai. Em 1947, foi exilado devido à perseguição da ditadura, quando começou a escrever. Dentre diversas denúncias sociais, uma das que aparecem em peso na obra de Bastos é o papel que o eurocentrismo desenvolveu e, ainda desenvolve, direta e indiretamente, nas relações sociais latino-americanas. Através de uma fábrica de açúcar, no corpus deste artigo – o conto “O trovão entre as folhas” – o autor denunciou o que Quijano (2005) chama de “colonialidade do poder”. Caracterizada como um eixo na classificação social da população mundial no que se diz respeito à raça, a “colonialidade do poder” é uma construção mental, desenvolvida pelo europeu colonizador como uma estrutura dual de dominação: dominante e dominado – Outro e outro, sujeito e objeto, colonizador e nativo colonizado, centro e margem (BONNICI, 2009). Diante disso, e com base nos estudos pós-coloniais, a pesquisa intentou mostrar as relações de poder de uma classe que se autorrotula “superior” sobre outra considerada inferior diante da organização social, ideologia esta estruturada para e através da propagação da visão de mundo do dominador e das suas artimanhas para alcançar o pleno poder colonial, e as formas de combate por parte do nativo a esses ideais coloniais. O entendimento a que pretendemos chegar é o de que o poder mundial continua em moldes coloniais. As estratégias neocolonialistas estão mais sutis, mas isso não significa dizer, muito menos acreditar, que sejam menos violentas ou opressoras.